

SUKETU MEHTA

Bombaim: cidade máxima

Tradução
Berilo Vargas



Copyright © 2004 by Suketu Mehta
Todos os direitos reservados ao proprietário

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Maximum city — Bombay lost and found

Capa

Retina_78

Foto de capa

Bombaim, Índia, 2009 © Alex Masi/ Corbis (dc)/ LatinStock

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Marise Leal

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Mehta, Suketu

Bombaim : cidade máxima / Suketu Mehta ; tradução Berilo Vargas. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Maximum city — Bombay lost and found.
ISBN 978-85-359-1862-5

1. Bombaim (Índia) — Condições sociais 2. Bombaim (Índia) — Descrição e viagens 1. Título.

11-03938

CDD-954.792

Índice para catálogo sistemático:

1. Bombaim : Índia : Descrição e viagens 954.792

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

PARTE I — PODER

1. Geografia pessoal	13
2. Powertoni	51
3. Mumbai	129
4. Logo atrás da Scotland Yard	148
5. Trabalhadores de colarinho preto	206

PARTE II — PRAZER

6. A cidade dos comedores de <i>vadapav</i>	277
7. Uma cidade no cio	289
8. Destilarias do prazer	374

PARTE III — PASSAGENS

9. Minas da memória	465
10. <i>Sone ki Chidiya</i>	483
11. Adeus, mundo	533
12. Um eu na multidão	572
Epílogo	579
Agradecimentos	583

PARTE I

PODER

1. Geografia pessoal

Não vai demorar muito para que haja mais gente vivendo na cidade de Bombaim do que na Austrália continental. URBS PRIMA IN INDIS, diz a placa na Porta da Índia. É também a *Urbs Prima in Mundis*, pelo menos num setor, a primeira prova da vitalidade de um centro urbano: o número de pessoas que nele vivem. Com 14 milhões de habitantes, Bombaim é a maior cidade no planeta de uma raça de moradores urbanos. Bombaim é o futuro da civilização urbana do planeta. E que Deus tenha piedade de nós.

Saí de Bombaim em 1977 e voltei 21 anos depois, quando ela havia crescido e se tornado Mumbai. Vinte e um anos: tempo suficiente para um ser humano nascer, instruir-se, ter direito a beber, casar-se, dirigir, votar, ir para a guerra e matar um homem. Durante todo esse tempo, não perdi o sotaque. Falo como um menino de Bombaim; é assim que sou identificado em Kanpur e Kansas. “De onde você é?” À procura de uma resposta — em Paris, em Londres, em Manhattan —, sempre respondo “Bombaim”. Em algum lugar, sepultada sob os destroços de sua situação atual — de catástrofe urbana —, está a cidade que manda em meu coração, uma bela cidade à beira-mar, uma ilha de esperança num país antigo, muito antigo. Voltei em busca dessa cidade trazendo comigo uma pergunta bem simples: é possível voltar para casa? Ao longo dessa procura, descobri as cidades que existem dentro de mim.

* * *

Sou menino de cidade. Nasci numa cidade *in extremis*, Calcutá. Depois me mudei para Bombaim, onde vivi nove anos. Depois para Nova York, oito anos em Jackson Heights. Um ano, intermitente, em Paris. Cinco anos no East Village, em Nova York. Ao longo do tempo, mais um ano, ou quase, em Londres. As únicas exceções foram três anos em Iowa City, que não é de modo algum uma cidade, e mais dois em New Brunswick, Nova Jersey, comunidades universitárias que me prepararam para a volta à minha cidade. Meus dois filhos nasceram numa grande cidade, Nova York. Vivo na cidade por opção, e tenho certeza de que morrerei numa cidade. Não sei o que fazer no campo, apesar de gostar muito do campo nos fins de semana.

Venho de uma família de comerciantes andarilhos. Meu avô paterno se mudou do Gujarat para Calcutá nos dias de inocência do século, para juntar-se ao irmão no negócio de joias. Quando o irmão de meu avô se arriscou pela primeira vez em território internacional, indo para o Japão, nos anos 1930, teve de voltar e se curvar, pedindo desculpas, perante os mais velhos da casta, de turbante na mão. Mas seus sobrinhos — meu pai e meu tio — prosseguiram, indo primeiro para Bombaim e depois, através das negras águas, para Antuérpia e Nova York, a fim de acrescentar algo ao que tinham recebido. Meu avô materno se mudou do Gujarat para o Quênia quando jovem, e agora vive em Londres. Minha mãe nasceu em Nairóbi, fez faculdade em Bombaim e mora em Nova York. Em minha família, escolher um país para morar nunca foi questão de intensas deliberações. Vamos para onde os negócios nos levam.

Certa vez, com meu avô paterno, voltei à casa de nossos antepassados em Maudha, que tinha sido uma aldeia do Gujarat e agora é uma cidade. Sentado no pátio da velha casa de madeira maciça, meu avô nos apresentou aos novos donos, uma família de *sarafs*, agiotas do Gujarat que consideravam Maudha uma cidade grande.

“E este é meu genro, que mora na Nigéria.”

“Nigéria”, disse o *saraf*, inclinando a cabeça.

“E este é meu neto, de Nova York.”

“Nova York”, repetiu o *saraf*, ainda inclinando a cabeça.

“E esta é a mulher de meu neto, de Londres.”

“Londres.”

“Agora os dois vivem em Paris.”

“Paris”, recitou o *saraf*, como era de esperar. Se àquela altura meu avô dissesse que vivia na Lua, o *saraf*, sem piscar, repetiria, inclinando a cabeça: “Lua”. Nossa debandada era tão extrema que beirava o ridículo. Mas ali estávamos, visitando a casa onde meu avô fora criado, ainda juntos, como uma família. A família era o elástico que nos mantinha unidos, por mais longe que fôssemos.

Foi a *muqabla*, a concorrência comercial, que obrigou meu pai a deixar Calcutá. Era o jeito de comprar e vender joias no negócio de meu avô. Um grupo de vendedores se reunia com um agente no escritório do comprador numa hora marcada. As negociações começavam. O preço não era dito em voz alta, mas indicado pelo número de dedos levantados debaixo de uma ponta solta do *dhoti* [pano usado pelos homens, amarrado na cintura] do vendedor, que o comprador logo entendia. Parte da *muqabla* era composta de ofensas ao comprador. “Está maluco? Acha que vou vender por esse preço?” Demonstrando profunda frustração, o vendedor saía correndo do escritório, aos berros. Mas tomava sempre a precaução de esquecer o guarda-chuva. Dez minutos depois, voltava para pegá-lo. Nesse momento, o comprador talvez já tivesse reconsidrado sua proposta, e era possível chegar a um acordo. O agente dizia: “Vamos apertar as mãos!”, e todos sorriam. Foi por causa dessa pequena encenação teatral que meu pai decidiu abandonar o negócio de joias em Calcutá. Não aguentava os berros e insultos; era um homem educado.

O irmão de meu pai fora para Bombaim em 1966, contra a vontade de meu avô, que não via motivo para a mudança. Mas meu tio era jovem, e o crepúsculo de Calcutá tinha começado. Em Bombaim, entrou no negócio de diamantes. Três anos mais tarde, meus pais passaram por Bombaim, depois que minha irmã nasceu em Ahmadabad. Meu tio, recém-casado, sugeriu ao irmão: “Por que não fica?”. E ficamos, quatro adultos e duas crianças, uma delas recém-nascida, num apartamento de um quarto, com hóspedes entrando e saindo o tempo todo. Vivíamos como uma “família conjugada”, dividindo o apartamento e as despesas, e o espaço expandiu-se para nos abrigar. Como é possível caberem milhões de pessoas numa ilha? Do mesmo jeito que cabíamos naquele apartamento de Teen Batti.

Meu pai e meu tio encontraram seu nicho no negócio de diamantes. Mudamo-nos para um apartamento de dois quartos em cima de um palácio à beira-mar, Dariya Mahal, pertencente ao *maharao* de Kutch. Uma família de industriais de Marwar comprou o palácio e seu terreno; cortou as árvores, li-vrou-se das antiguidades do palácio e abriu uma escola para crianças. Em volta, construiu um conjunto de três prédios: Dariya Mahal 1 e 2, edifícios de vinte andares que lembravam livros de contabilidade abertos, e Dariya Mahal 3, onde fui criado, prédio de doze andares, achulado, impassível, uma espécie de filho adotivo.

Meu tio e meu pai faziam viagens de negócios regulares a Antuérpia e aos Estados Unidos. Quando meu pai me perguntou o que podia trazer dos Estados Unidos para mim, eu lhe pedi uma camiseta *scratch and sniff* [que exala um aroma quando é esfregada], sobre a qual eu tinha lido qualquer coisa numa revista americana. Ele voltou trazendo um saco gigante de marshmallows. Comi o que pude daquela coisa branca e macia como algodão, tentando decifrar sua textura, antes que minha tia se apropriasse dela. Segundo meu tio, depois de uma daquelas viagens meu pai teve uma revelação enquanto se barbeava, como costuma ocorrer quando nos vemos no espelho sem de fato olhar. E resolveu se mudar para os Estados Unidos. Não pela liberdade ou pelo estilo de vida, mas para ganhar dinheiro.

A vida de cada um é dominada por um acontecimento central, que influencia e distorce tudo que vem depois e, retrospectivamente, tudo que veio antes. Para mim, esse acontecimento crucial foi a mudança para os Estados Unidos aos catorze anos. É uma idade difícil para mudar de país. Ainda não acabamos de crescer no lugar onde estávamos, e nunca nos sentimos completamente à vontade no lugar para onde fomos. Eu não tinha a menor ideia do que era o país Estados Unidos; nunca estivera lá. Eu não pertencia à geração mais nova de meus primos, como Sameer, que aos dezesseis anos desceu no aeroporto JFK recém-saído do avião que o levava de Bombaim usando um boné de beisebol dos Mets e já tendo quase desenvolvido o sotaque americano. Em 24 horas, viajei da infância para a idade adulta, da inocência para a experiência, da predestinação para o caos. Tudo que aconteceu desde então, cada ato diminuto e grandioso — meu jeito de usar um garfo, de fazer amor, a escolha de uma profissão e de uma mulher —, foi influenciado por esse acontecimento central, esse fulcro no tempo.

* * *

Havia uma pilha de *Seleções do Reader's Digest* no quarto dos fundos da casa de meu avô em Calcutá, que era escura, quente e parecida com um útero. Lá, durante os verões, li aventuras da vida real, histórias de espiões dos vis e covardes comunistas, e piadas que toda a família podia ouvir sobre travessuras de crianças e militares. Foi minha introdução aos Estados Unidos. Imagine-se minha surpresa ao chegar. Para minha sorte, embora eu não tenha me dado conta na época, de todas as cidades para onde podíamos ter nos mudado, meu pai escolheu Nova York. “Parece Bombaim.” É assim que se explica Nova York às pessoas na Índia.

No meu primeiro ano de Estados Unidos, comprei pelo correio tesouros antes inacessíveis, os artigos anunciados nas capas internas dos gibis. Encomendei, para meus amigos em Bombaim, o *joy buzzer*, o fantasma flutuante, o aerobarco e óculos de proteção para raio X. Uma caixa marrom chegou. Examinei-a um instante antes de abrir: ali estava o que me havia sido negado durante todos aqueles anos. Então o lixo se espalhou pelo chão. O fantasma flutuante era um forro de lixeira de plástico branco com uma vara enfiada no alto; pendurava-se e balançava-se aquilo para assustar as pessoas. Os óculos de proteção para raio X eram de plástico, como os óculos distribuídos nos cinemas para ver filmes em 3-D, com um esqueleto grosseiramente desenhado em cada lente. O aerobarco era uma espécie de ventilador vermelho, preso a um motor; quando ligado, realmente ficava suspenso sobre uma superfície plana. O *joy buzzer* era um aparelhinho para ser usado na palma da mão, como um anel; dava-se corda e, ao apertar a mão da vítima, comprimia-se uma peça e o aparelho vibrava intensamente. Olhei para a bagunça no chão. Eu já tinha sido enganado em Bombaim; conhecia muito bem a sensação. Apesar disso, mandei o pacote para os amigos em Bombaim, com uma carta sugerindo possíveis usos para as brincadeiras; o fantasma, por exemplo, poderia ser pendurado nas sacadas dos andares mais baixos para, quem sabe, assustar criancinhas no escuro.

Eu sabia que meus presentes seriam bem recebidos. Independentemente da qualidade, eram “importados” e, portanto, deveriam ser valorizados. Em nossa casa em Bombaim havia um mostruário na sala de estar. Ali ficavam expostos objetos importados da Europa e dos Estados Unidos, espólios das viagens que meu tio fazia a negócios: carros de caixa de fósforo, miniaturas de

garrafas de bebida, um cilindro de longos palitos de fósforos trazido de Londres no formato de um guarda da rainha com chapéu preto felpudo, uma miniatura da torre Eiffel. Havia também brinquedos para as crianças — um foguete *Apolo 11* a bateria, um carro de polícia com luz giratória azul, uma boneca que bebia e molhava a fralda —, que quase nunca eram tirados do lugar para nós. Os meninos do prédio se reuniam em volta do mostruário e ficavam olhando os brinquedos — nos quais não podíamos tocar para não quebrar.

Nos Estados Unidos, também tínhamos um mostruário em casa. Nele guardávamos os suvenires da Índia: um par de bonecas de vovô, Dada vestindo um *dhoti*, Dadi num sári de algodão; uma estátua de mármore de Ganesha; uma máscara de madeira do deus-macaco Hanuman; uma pequena maquete do Taj Mahal iluminada por dentro; uma dançarina de *bharatanatyam*, a dança clássica indiana, cuja cabeça se movia de um lado para outro; e um relógio de bronze no formato do mapa oficial da Índia, com toda a Caxemira recuperada dos paquistaneses e dos chineses. Quando o novo bebê nasceu, não teve permissão para abrir o mostruário e brincar com aqueles objetos. Eram peças frágeis demais; ele poderia se machucar. Passava o tempo esparramado contra a porta de vidro do mostruário, olhando aquela herança como vespa na janela.

Quando me mudei para Nova York, senti falta de Bombaim como de um órgão do corpo. Achava que, ao sair de lá, tinha escapado da pior escola do mundo. Engano meu. A escola católica para meninos que frequentei no Queens era pior. Ficava num enclave de operários brancos, sitiado por imigrantes de países mais escuros. Fui um dos primeiros membros de uma minoria a se matricular, um representante de tudo aquilo que eles não queriam. Logo que cheguei, um menino sardento de cabelos ruivos encaracolados veio até a mesa onde eu almoçava e anunciou: “Lincoln nunca deveria ter libertado os escravos”. Os professores me chamavam de pagão. Na foto anual da minha classe apareço olhando para a câmera, com a legenda: É TÃO FORTE QUE NÃO POSSO DEIXAR DE USAR NEM UM DIA. A frase referia-se ao slogan de um anúncio de desodorante. Era como a escola me via: um pagão fedorento, que exalava os cheiros asquerosos da minha cozinha nativa. No dia da formatura, saí pelo portão encimado por arame farpado, encostei os lábios na calçada e beiжеi o chão em agradecimento.